

Cinco

Dupla Fenda no Tempo

Todos entraram em silêncio após a pergunta do unicórnio que parecia ser o maior responsável pelo bloqueio de caminho deles.

Ele havia usado a expressão "*cutie mark*" e o nome "Fluttershy"; não havia dúvida: era um brony. Ter a certeza disto aliviou um pouco Eduardo, mas continuava sendo um desconhecido que ameaçava eles dois.

Unicórnio Salmão- Não tem dúvida... as três borboletas, a crina rosa e longa, pêlos amarelos, pégaso... eu... eu não acredito.

Gabriel- Não... lamento dizer, mas não sou ela.

O unicórnio desatou a rir alegremente, contrariando a reação esperada por Gabriel.

Unicórnio Salmão- Meu pai amado! Até a voz é igual! - E continuou a rir, com uma alegria até mesmo contagiante. - Não, querida, eu conheço você, não adianta negar quem você é. João e Laércio, deixem eles em paz.

Pégaso Azul Marinho- Mas, Rafael...

Unicórnio Salmão- Já disse, João. Não se preocupe, se eles fossem que nem aqueles loucos, já teriam nos atacado.

Os dois pégasos se afastaram, ainda que o chamado João resmungasse baixo. Rafael se aproximou de Eduardo e Gabriel, só que desta vez de uma forma bem mais amistosa.

Eduardo- Eu lamento dizer... Rafael. É esse seu nome, não é?

Rafael- Mais uma vez meus amigos tentando destruir minha identidade secreta. - e deu um sorriso abobado. - Sim, sou Rafael, ou ao menos era antes de tudo isso acontecer.

Eduardo- Bem, é que a põnei que você vê do meu lado... ela não é a Fluttershy.

Mais uma vez o unicórnio riu.

Rafael- Desculpe, mas... se quisesse que eu acreditasse nisso, teria posto algo melhor que um boné nela. É a Fluttershy. Todos os detalhes combinam... só as asas que estão estupidamente maiores, mas pelo visto todos os pégasos foram abençoados com isto.

Gabriel- "Abençoados"? Eu não usaria essa palavra... isso tem mais cara de maldição.

Desta vez Rafael limitou-se a um olhar torto.

Eduardo- Sei que é difícil de acreditar, mas... a Fluttershy aqui pode parecer a real, ter todos os detalhes *físicos*... - a ênfase na palavra foi propositalmente destacável. - mas a mente é de outra pessoa. Até ontem, último dia de humano, ele se chamava Gabriel, era um homem, completamente heterossexual, loiro, estatura média e um pouquinho gordo.

Gabriel- Não precisava ter falado o último detalhe. - disse, aborrecido.

O unicórnio cor de salmão nada disse e demonstrou uma expressão pensativa.

Passou alguns instantes até que este retomasse a palavra.

Rafael- Isso... - hesitou. - isso é meio difícil de acreditar.

Eduardo- Acredite no que quiser. - Já falava com um tom aborrecido. - Essa é a verdade.

Rafael- Não, você não entendeu. - Apressou-se em corrigir. - Eu me refiro a transponificação.

Eduardo- Transponi... o quê? - perguntou, sinceramente confuso.

Rafael- Transponificação. A transformação em pôneis.

Eduardo olhou para ele com uma expressão de negação.

Eduardo- Precisa mesmo do "Trans"? Acho que "ponificação" é o suficiente...

Rafael- Você e seu amigo chamam do que quiser... não é esse o ponto que quero chegar. - mais uma vez analisou Gabriel. - Se está mesmo falando a verdade, seu amigo foi um caso raro... diria que até único.

Gabriel olhou para Eduardo e este retribuiu. Por um momento pareciam que estavam refletindo o que Rafael disse, até a pégaso amarela quebrar o silêncio.

Gabriel- Ótimo. De tantas pessoas nesse mundo, isso tinha que acontecer logo comigo.

O tom de lamentação na voz de Gabriel era facilmente perceptível, o que causava até mesmo uma situação digna de riso. Eduardo não correspondeu; estava muito mais preocupado com o unicórnio que, antes de perceber a Fluttershy do seu lado, tudo o que tinha feito foram ameaças.

Eduardo- Bem, senhor Rafael... assim como você disse, nós também não queremos brigar, então... se nos der licença...

Rafael- Ah... esqueça aquilo. - sua face demonstrava uma expressão que condizia com o tom de arrependimento em suas palavras. - Eu fiz aquilo mais como uma forma de segurança... digo, eu e meu grupo saímos de casa por conta de malucos que a invadiram...

Gabriel- Eu enfrentei uma dessas malucas e esta quase tentou me matar.

Rafael- E... e como você escapou? - começava a ter dificuldades de manter o olhar na Fluttershy por alguma razão.

Gabriel- Eu corri.

O unicórnio já olhava em uma direção que ficava a 90 graus de onde eles estavam. Eduardo pôde jurar que seus olhos estavam mais úmidos que o normal.

Rafael- Que bom... significa que você não precisou de medidas mais drásticas...

Eduardo confirmou: Rafael estava mesmo chorando. Este ainda tentava esconder o rosto com os cascos, mas ainda permaneceu alguns segundos sem olhar para eles. O pônei vermelho não entendia a razão do choro e, por mais desumano que aquilo pudesse parecer, na verdade não se importava. Tudo poderia ser alguma espécie de truque; ele não sabia como os pôneis enlouquecidos estavam se comportando de fato e aquela ignorância ao assunto o preocupava ainda mais.

Porém sabia que estava em desvantagem numérica e o que menos queria era ter que lutar com um grupo que contava com um unicórnio no meio. Ele sabia que as mágicas que saíam daquele chifre não tinham limites e, talvez não fossem tão

perigosas no mundo de *My Little Pony*, mas a situação era bem diferente no mundo real humano. Sentia medo só de imaginar o que uma mente criativa poderia fazer se soubesse como utilizar a magia.

Precisava sair dali de alguma forma. Por mais mal educado que fosse, resolveu retomar a palavra antes mesmo de Rafael.

Eduardo- Bem, já que tudo não passou de um mal entendido... nós vamos continuar nosso caminho. Boa sorte para vocês.

O unicórnio cor de salmão retirou os cascos que estavam realizando a função de cobrir o seu rosto, revelando uma face chorosa e ao mesmo tempo assustada.

Rafael- Esperem! Nós também não temos para onde ir, como eu disse antes... para onde estão indo?

Gabriel- Nós estamos indo para...

Eduardo- Não interessa. - interrompeu bruscamente.

Gabriel primeiramente olhou assustado para Eduardo, devido a reação de seu amigo e, logo em seguida, lançou o mesmo olhar reprovador que Rafael dera; mas a pégaso amarela não deixou sua reação em palavras.

Rafael- Tudo bem... não importa. - tentava manter a compostura. - Vão. Só devo dizer a vocês que não será fácil... se não encontraram ainda ninguém no caminho, foi por pura sorte.

E virou o rosto, prestes a seguir pela mesma direção de onde ele e seu grupo vieram. Eduardo até tinha certa dúvida quanto a sobre o que Rafael queria dizer, mas considerou a sua desistência como uma espécie de "deixa" e estava prestes a seguir pelo lado inverso, até ser interrompido por um casco amarelo.

Ao olhar na direção que vinha aquele casco, viu que Gabriel continuava com o olhar reprovador que fizera momentos antes. Por um momento não fizeram nada além de entreolharem-se.

Gabriel- Então é isso? - tomou a iniciativa. - Você pensa simplesmente em ignorá-los?

Eduardo- Ele nos ameaçou. - respondeu rapidamente, como se já estivesse com as palavras na ponta da língua. - Não sei você, mas não quero andar com pessoas... pôneis, - corrigiu. - tanto faz, que nos ameaçaram.

Gabriel- Ele tinha uma *razão* para isso e você sabe muito bem qual.

Eduardo- Não importa. Continua sendo um bando de estranhos que não deveríamos confiar, ainda mais depois do que aconteceu com você hoje e com o que Alexandre nos mostrou. Veja, ele é um unicórnio também! Quem garante que isso não é um plano?

Gabriel hesitou um tempo antes de responder.

Gabriel- Acha mesmo que todas aquelas lágrimas são armação?

Eduardo- Acha que não são?

Gabriel- Escuta, Duda... - deu uma pausa, como se ainda pensasse no que ia dizer. - eu poderia dizer um monte de coisas para você, coisas como "é por isso que você fez engenharia e não psicologia" ou qualquer outra coisa que detone seus argumentos da forma mais brutal possível, mas não o farei...

Eduardo- Ótimo. Podemos ir?

Gabriel- Por isso farei apenas uma pergunta... - ignorou completamente a pergunta de seu amigo. - depois de tanto tempo procurando por um... como é que você chama mesmo... - ficou pensativo por alguns instantes. - brony. É isso, brony. Depois de tanto tempo procurando por um brony e finalmente achando um, você vai simplesmente abandoná-lo?

A pergunta foi feita e ficou por um bom tempo sem ser respondida. Apesar de todos os demais, Gabriel tinha razão. Uma das coisas que Eduardo mais queria ter achado em Salvador era um brony, mas nunca havia encontrado um. Suas tentativas de criar alguns deles no seu círculo de amigos foram falhas e, pela primeira vez em mais de um ano que descobriu o desenho, se deparou com alguém que tinha os mesmos gostos que o seu.

Eduardo- E como você sabe que ele é um brony?

Apesar de ter feito a questão, sabia que ela seria rebatida facilmente com argumentos simples, mas ainda não queria admitir que não queria andar com desconhecidos, principalmente em situações como a cidade e, talvez o país e o mundo, se encontravam.

Gabriel- Ele me reconheceu, assim como você. A tal da Fluttershy é do desenho, não é? Mesmo que ele apenas soubesse quem é e não gostasse do desenho, a emoção que ele demonstrou ao me ver foi a mesma que a sua. Acho que não tem dúvidas quanto a isso.

Sentiu-se mal quando descobriu que não podia contra-argumentar aquilo. Começou até mesmo a pensar que toda sua desconfiança era exagerada e que talvez não estivesse fazendo nada mais que uma espécie de "isolação ao mundo" desnecessária. A verdade é que do jeito que as coisas estavam, quanto mais gente, melhor.

E então cedeu.

Eduardo- Ah... - suspirou. - Certo, eu falarei com ele.

E foi em direção ao unicórnio, que já estava se reunindo com o restante do seu grupo. Desta vez tinha uma visão melhor dos outros três pôneis que estavam com ele; eram todos pôneis terrestres, dois machos e uma fêmea. Um dos machos seguia o inverso de Laércio, era completamente negro, tão negro que parecia até mesmo absorver a forte luz do sol, seus olhos eram castanho escuros e pelo seu pêlo ser completamente preto, Eduardo jurou que os seus olhos até mesmo brilhavam, sua crina era esvoaçada e ruiva; o outro macho tinha a pelagem cinza escura, com a crina quase tão penteada como a de Eduardo e com uma cor um pouco mais clara do que seus pêlos, o destaque do seu corpo eram os olhos, que eram de um bonito azul, parecido com a cor do céu em um lindo dia ensolarado, como aquele; já a fêmea tinha uma pelagem de um amarelo um pouco mais escuro que o de Gabriel, sua crina era cacheada e de um ruivo muito parecido com o do pônei negro. Assim como com o pônei cinza escuro, que estava do seu lado direito, seus olhos eram o maior destaque: um verde que parecia ter sido formado da combinação de um perfeito azul com um perfeito amarelo. Todos os três pôneis estavam carregando bagagens bem pesadas em suas costas e que, apesar de estarem amarradas, não mostravam equilíbrio.

Eduardo- Rafael, espere.

Apesar da distância e do volume de sua voz não ter superado o natural, Rafael ouviu e virou o rosto em sua direção. Sua expressão era de decepção, a mesma que demonstrou da última vez que havia falado.

Rafael- O quê? - a pergunta foi seca e desinteressada.

Eduardo- Olhe... desculpe pelo que falei... foi grosseiro de minha parte, sinto muito.

O unicórnio já mudava a sua face para a neutralidade e virou o corpo por completo para dar a devida atenção.

Rafael- Tudo bem... eu entendo perfeitamente a sua reação. Eu mesmo já me deparei com muitas coisas estranhas hoje.

E parou de falar. Por alguns instantes, Eduardo não sabia bem o que dizer, mas o fez assim mesmo logo em seguida.

Eduardo- Bom, você perguntou onde estávamos indo... Gabriel ali teve a ideia de irmos para a casa da minha mãe, que fica na Ribeira. - interrompeu brevemente quando Rafael fez uma cara de dúvida. - É, eu sei, parece besteira, mas ele falou que o ideal seria nos reunirmos com nossos parentes e os pais dele não moram no Brasil, logo escolhemos a minha mãe.

Rafael- ...bem, - começou lentamente, como se ainda buscasse o que dizer. - ao menos você está melhor do que nós, que nem sabemos o que devemos fazer.

Entraram em silêncio novamente.

Após alguns segundos em que nada mais fizeram além de desviarem o olhar, Rafael virou-se novamente para o seu grupo. Neste momento Eduardo percebeu que ele mesmo teria que fazer a pergunta.

Eduardo- Então... é sempre bom mais gente acompanhando... quer vir conosco?

O unicórnio cor de salmão voltou-se novamente à sua direção e assentiu.

Rafael- Obrigado. - sua expressão agora era de aliviado. - João, Laércio, vocês três. - gritou na direção dos três pôneis terrestres. - esses dois estão conosco agora e temos um novo lugar para ir.

Todos os chamados não questionaram. Eduardo pôde perceber que o pônei negro estava mais cabisbaixo do que o esperado, enquanto a terrestre amarela estava desviando o olhar desde que tinha acompanhado o grupo. O pônei vermelho poderia jurar que ela estava resmungando palavras aleatórias em sussurros, mas Gabriel acabou tirando a sua atenção.

Gabriel- Acredite. - ele sussurrava e, por sua voz já ser naturalmente baixa, se tornou ainda mais difícil de escutar, mas fez questão de se aproximar do ouvido de Eduardo. - Não significa que eu confie nele, mas ele tem razão. Não sei ainda porque todos resolveram se esconder, mas tivemos sorte de não ter encontrado alguns pôneis enlouquecidos no caminho e... - hesitou. - não quero nem imaginar o que poderia acontecer se nos deparássemos com um grupo grande desses sendo só eu e você.

Eduardo sorriu.

Eduardo- Não achou que eu fiz questão de me desculpar apenas por ter sido desagradável, não é? - sussurrava no mesmo tom.

Gabriel- Eu sei que não.

E nada mais falaram até se juntarem a Rafael e seu grupo para começarem o seu caminho.

Eduardo- Isso... isso é muito estranho.

O pônei vermelho já estava com aquela frase na ponta da língua logo após atravessarem o bairro da Pituba, nobre e vizinho de Costa Azul, mas só resolveu dizer quando começavam a Amaralina, que estava tão silenciosa e deserta como todos os lugares em que haviam passado.

Rafael- A transponificação ou os bairros desertos?

Eduardo- Os dois... - deu mais uma olhada ao redor. - mas o que mais me intriga agora são os lugares desertos... eu vi pôneis da minha janela logo após ter acordado; onde todos eles estão?

Gabriel- Parece ser uma pergunta com uma resposta que tende a não ser muito agradável.

Eduardo e Gabriel se ofereceram para carregar algumas das incontáveis bagagens que o grupo de Rafael estavam levando. Não havia acelerado muito a viagem, mas certamente diminuiria o peso que os terrestres estavam sendo obrigados a carregar. O unicórnio explicou que ele e os dois pégasos também estavam ajudando os terrestres, mas logo desistiram quando perceberam que não faria a menor diferença e que os próprios pôneis desprovidos de asas e chifre não pareciam demonstrar alguma espécie de alívio com a mudança de peso. O pônei vermelho e a pégaso amarela ajudaram mesmo assim e Eduardo tinha uma capacidade muito maior de carregar as bagagens.

Gabriel- É essa a lógica. Machos tem mais força que fêmeas.

Apesar de ser um argumento válido, ele percebeu que Gabriel não conseguia aguentar nada além do que duas malas, enquanto ele só sentia um peso a partir de cinco malas, que é o que escolheu para carregar. Rafael também ajudou com mais três malas, mas mesmo sendo um pouco maior que Eduardo, demonstrava um cansaço muito maior, cansaço que não ficou explícito em palavras. Aquela conta deixou os três pôneis terrestres do grupo do unicórnio com apenas cinco malas, sendo que os machos optaram por carregarem duas cada e a fêmea a que sobrou.

Eduardo até achava que tudo aquilo não passava de um exagero, mas em nenhum momento questionou o suposto líder do outro grupo. Este também não abria muitas brechas para conversas, permanecendo calado a maior parte do caminho.

Eles fizeram uma formação que consistia em Eduardo, Rafael e Gabriel seguindo na frente, enquanto os dois pégasos João e Laércio vinham logo atrás. Por estarem voando o tempo todo, serviam como uma espécie de guarda-costas dos três e também observavam o horizonte para alertarem quanto a qualquer coisa estranha que viesse a acontecer. Os três terrestres restantes vinham mais atrás e não

estabeleciam nenhum tipo de comunicação o que, de certa forma, intrigava bastante a Eduardo.

Rafael- Tenho que admitir... é como se todos soubessem de algum evento e que toda a cidade estivesse lá. Algo bem absurdo de se pensar, principalmente considerando que Salvador tenha quase três milhões de habitantes.

Era a primeira vez que o unicórnio cor de salmão iniciava uma conversa. Estavam na metade do caminho do Rio Vermelho, após uma tentativa frustrada de tentarem entrar em um mercado do bairro. Este estava fechado por completo e, como não queriam fazer nenhum tipo de vandalismo a toa, acabaram optando por algum lugar que já estivesse saqueado ou simplesmente aberto. Não haviam urgências, ainda.

Eduardo- O carnaval não faz algo parecido?

Rafael- Faz... - concordou. - mas se lembre que acontece em dois pontos da cidade, sem contar que espalharia alguns em lugares avulsos. Não é o fato de não encontrar muitas pessoas que me impressiona, é o fato de não encontrarmos *ninguém*.

Gabriel- Faz sentido. Teorias?

Rafael- Todos estão em suas casas?

Eduardo- Absurdo, mas válido. Porém a maior questão é: por quê?

A pergunta não foi respondida e esta permaneceu assim até que atravessassem a Barra. Se havia algum lugar que esperavam encontrar alguém, seria justamente em um dos trechos oficiais do carnaval, que na normalidade já tinha muitas pessoas.

Ninguém.

Assim como os outros bairros, a Barra estava exatamente igual a como era vista em dias normais, só que o único movimento visto era dos oito pôneis que se arriscavam a vagar nas ruas abandonadas. Enquanto passavam pelo Barravento, o único restaurante que ficava no lado da praia, pelo menos naquela parte da avenida, a preocupação de Eduardo aumentou.

Eduardo- Não passa pela cabeça de vocês, - falava com um volume bem mais baixo que o normal, quase sussurrando. - que poderíamos estar sendo observados?

Gabriel e Rafael olharam para ele.

Rafael- Por quem?

Eduardo- É esse meu maior medo... não faço ideia.

O unicórnio chamou João e Laércio por gestos e estes se aproximaram sem hesitar.

Rafael- Tem como vocês subirem um pouco além e darem uma olhada ao redor? Meu amigo aqui suspeita que tenha gente por perto... gente indesejável.

Laércio- Que tipo de gente?

Fixou o olhar para o lado que daria nas ruas da Barra antes de responder.

Rafael- *Aquela* tipo.

Não questionaram mais antes de subirem a uma altura de pelo menos cinquenta metros, o que levou algo em torno de quatro segundos. Todos os observaram enquanto estavam no ar e davam voltas circulares para fazerem o melhor relatório

possível da situação.

Desceram logo em seguida e o pégaso azul marinho começou a falar calmamente.

João- Não há ninguém *por perto*, mas conseguimos ver alguns pôneis ao longe.

Rafael- O quão longe?

Laércio- Perto do farol. - respondeu. - Não deu para contar, mas eu vi pelo menos uns quatro por lá.

O farol da Barra era um dos pontos mais conhecidos pelos turistas. Localizava-se entre o início e o Porto, que também era um ponto turístico, mas não tanto quanto o farol. Se o grupo seguisse pela orla, teria obrigação de passar pelos dois.

Rafael- Parece que teremos que desviar da orla por um tempo então...

Eduardo- Centenário?

Rafael- Sim.

A avenida Centenário era outra forma de ir para onde planejavam, mas teriam que galopar por um pouco mais de tempo. Ela também passava por locais que tipicamente não seriam tão seguros a pé, mas naquela situação não fazia absolutamente nenhuma diferença.

Entraram na primeira virada a direita que viram e seguiram caminho; agora não teriam mais a visão das praias soteropolitanas, que vazias pareciam ainda mais belas que o normal. "Aliás, toda a cidade parece mais bela que o normal", assim Eduardo pensava e tinha certeza que Gabriel concordaria com ele.

Não sabia o que tinha acontecido com as pessoas; por que elas haviam sumido? Era assustador, tenebroso e, ao mesmo tempo, até mesmo um alívio. Pensava aliviado e sentia culpa simultaneamente quando imaginava que a cidade estaria mais vazia apenas porque muitos não aguentaram a ponificação fisicamente, ou "transponificação", o termo que Rafael preferia usar. Outros pensamentos como achar que talvez a cidade, e até mesmo o mundo, se aquilo estava acontecendo em todo o mundo, estivessem melhores assim e até mesmo o desejo que tudo aquilo fosse verdade, percorriam a sua mente e o assustavam ao mesmo tempo.

Mas o racional também passava por sua cabeça; se as pessoas ainda estavam lá, por que se escondiam? De certo que sair de suas casas não era a escolha mais inteligente, mas sempre haveria o que se arriscaria, o curioso, o fora de si... não são muitos, mas daria uma quantia considerável de pessoas e uma quantia considerável de pessoas era superior a zero... ou quatro, como os pégasos disseram que tinham visto.

Ainda tinham os dois pôneis terrestres do grupo de Rafael que continuavam agindo de forma estranha. Quando ainda estavam na Pituba, Eduardo pôde jurar que o pônei negro lhe lançou um olhar nada agradável, sendo que este permanecia cabisbaixo a maior parte do tempo.

Foi inevitável; ao lembrar deste detalhe, fez a pergunta diretamente para o unicórnio.

Eduardo- Rafael, você não comentou absolutamente nada dos três pôneis terrestres do seu grupo. - tentava falar baixo o suficiente para que estes não o ouvissem. - Quem são eles?

Tinham a visão do agora abandonado Shopping Barra. Era um dos lugares mais frequentados da cidade quando a opção do soteropolitano não envolvia praias ou shows. Assim como todos os estabelecimentos ao redor, ele também estava fechado.

Rafael olhou para ele hesitou um tempo além do esperado para responder a pergunta. Finalmente suspirou fundo e fez a ação de uma só vez.

Rafael- O pônei preto é o meu irmão mais velho, Flávio, a amarela é a minha mãe, Natália e o cinza é o meu pai, Jonathan. Nenhum dos três fala comigo desde ontem e sim, eles sabem que eu gostava do desenho, coisa que deve agravar ainda mais a situação.

Não sabia o que deveria dizer com aquela revelação.

Rafael estava já com a sua família, mas estava vagando pela cidade. "Por quê?", Eduardo se perguntava mentalmente. Uma voz suave fez o trabalho que tanto penava em fazer.

Gabriel- Mas então... - se pronunciava após um longo tempo calado. - por que vocês estavam dando a volta pelo Parque? E, além do mais, por que estão levando todas essas malas? Já que falou quem são eles, presumo que não será problema nos dizer quanto a isso, certo?

O unicórnio salmão não disse nada de imediato, tempo suficiente para que Gabriel perdesse a esperança de ter sua questão respondida.

Rafael- Isso... isso eu não posso dizer agora. Desculpe.

E acelerou a trotagem, deixando Eduardo e Gabriel para trás rapidamente.

Já sabendo que não teriam suas perguntas respondidas, não insistiram e aproveitaram que Rafael havia tomado uma distância considerável para conversarem entre si.

Eduardo- Alguma coisa não me cheira bem aqui.

Gabriel- Não cheira bem? Diria que já está fedendo.

Eduardo- O que vamos fazer? Não quero andar com alguém que tenha algum tipo de "passado negro" ou algo parecido. Não sabemos o que ele pode fazer conosco e aqueles pôneis ali atrás... não confio em nenhum deles.

Diferente de Eduardo, a pégaso não olhou para trás, mantendo o olhar fixo no unicórnio cor de salmão que já tinha pelo menos cinquenta metros de vantagem.

Gabriel- Ou ele nos conta o que aconteceu, ou vai encarar as consequências. Garanto que aquele chifrezinho dele não seria capaz de impedir um ataque surpresa... ou seria?

Eduardo voltou-se em sua direção e respondeu calmamente.

Eduardo- Provavelmente não.